

Fábrica de chocolate verde

Em dias como este eu realmente não queria existir. Nos outros também não, mas nestes, em espacial, não queria mesmo. Não sei por quê acordei. Não quero saber a hora. Nem o dia. Não quero viver. Se a cama não estivesse molhada com toda imundice que meus poros expeliram nas últimas horas poderia morrer sem sair dela. Iam demorar mais de três dias para alguém me achar porque os vizinhos já estão acostumados com o cheiro podre que esse lugar exala. Se um banho fosse só o começo da solução dos meus problemas eu tomaria um. Talvez o Grande Arquiteto ainda me mantenha respirando como prova viva da degradação do ser humano. Para continuar nessa grande missão preciso beber. Por isso coloquei uma roupa seca e fui para o bar do Jaime. Sentei e pedi dois ovos de codorna e uma pinga. Olhei para a televisão e uma senhorita loira, limpinha e perfeita, tentava convencer o mundo de que uma câmera fotográfica não era só uma câmera fotográfica, além de tirar fotos ela cozinha, lava e passa, e valeria um milhão, mas poderia ser comprada por dez meras parcelas de sei lá quanto. Acho que uma propaganda de cigarro seria mais honesta, e que definitivamente o sol não brilha para todos.

Investi meus últimos trocados em uma garrafa de cerveja. Eis uma coisa que pode tornar a vida de um homem melhor. Entre um apresentador que tentava vender cintos de couro e os comerciais um cara entrou no bar, cercado de mais três inúteis, e sentou do meu lado. “Você quer cem mangos?” “Se o Jaime não cobrasse por esse mijo de égua quente, não.” Entrei na caçamba de uma caminhonete e saímos pela cidade como ratos que correm num labirinto. De repente a porta de um depósito se abriu e entramos como o Batmóvel na Batcaverna. Lá dentro o Alfred se agarrava num trinta e oito enferrujado e ninguém parecia muito interessado em fazer justiça. Tinha uma prensa gigante, uma embaladora a vácuo, cortadeira, esteira rolante e tudo mais que uma linha de produção precisa para funcionar. Como soldados amestrados cada um foi para sua posição no campo. O coronel

apontou para o lado e começou a falar. “Esta vendo aqueles tijolos de maconha caindo da esteira no carrinho?” Eram dezenas, um cego veria, não tinha como negar. Só disse que sim com a cabeça. “Você espera o carrinho encher, tira ele, coloca um vazio e esvazia o carrinho cheio dentro daquele contêiner, entendeu?” Mexi a cabeça para cima e para baixo.

Assumi meu posto e o balé começou. Primeiro um peão misturava um saco de alfafa com um saco de maconha, então jogava tudo num misturador. De lá o blend escorria para a prensa, que transformava tudo em tijolos de um quilo. Depois eles passavam pelos embaladores, que por fim descarregavam o produto na esteira rolante que ia até mim. Fazia um esforço desgraçado para arrastar as rodinhas que deveriam rolar. Com a ajuda de uma alavanca emperrada tinha que virar aquele monte de mato prensado dentro da caixa de bombons jamaicanos gigantes. Na terceira viagem minhas costas começaram a avisar que eu ia ter que fumar muito daquilo para ela não reclamar por semanas de tanto esforço. Foram três horas de trabalho e, quando eu já não sentia mais nada, tivemos um momento de descanso. Aparentemente o gerador que movimentava aquelas geringonças tinha ficado sem combustível. Nem máquina funciona sem álcool, por quê eu seria diferente? Alguém apareceu com um baseado gigante bolado e os desocupados fizeram uma roda para celebrar a fartura. “Dizem que a maconha pode ser usada para fazer tecido, papel, óleo e mais não sei o que. Será que dá para fumar roupa de maconha?” Falou o cara do baseado. “Claro que sim, é de maconha.” Respondeu um outro qualquer. Pensei que as vezes a verdade não importa tanto e fiquei quieto.

O ritmo de trabalho tinha ficado alucinante depois de um bom tempo parado. O efeito do baseado havia deixado todo mundo meio introspectivo e o silêncio reinava. “Vamos seus molengas. Você são vagabundos, não putas. Não estão ganhando por hora.” O coronel agora tinha virado leão de chácara, poderia até usar um chicote se tivesse um. As máquinas faziam um barulho ritmado que poderia estar tocando numa daquelas festas que acontecem bem longe da cidade e duram o dia e a noite inteiras. Comecei a viajar que aquele carregamento ia abastecer malucos de todas as partes do mundo. Se estavam colocando em contêiners é porque iam transportar num navio. Para Europa provavelmente. Talvez os caras do Led Zeppelin fumassem ela, ou uma modelo antes de

um desfile de moda em Paris. Com certeza uma parte ia ser fumada na rua, por estudantes e professores. Em algum lugar um padre meio pecador poderia fumar ela. O mundo inteiro poderia ser feliz com aquele tanto de erva. Tanta maconha assim poderia até parar uma guerra. No meu céu todas as nuvens tem um pezinho.

Quando eu estava perto de fumar um baseado com Deus e o Diabo para selar a paz celestial o portão da Batcaverna abriu e me cuspiu para fora do paraíso. Carrinho emperrado e alavanca arrastando eram a minha realidade, e nela ninguém parecia contente com aquele movimento repentino. Duas motos entraram com escapamentos barulhentos que não tocavam no mesmo ritmo das máquinas. O coronel começou a gritar alguma coisa sobre “o que esta acontecendo aqui!?” e foi na direção delas com um dos brutamontes. A resposta veio na forma de balas, disparadas por pequenas metralhadoras, como as que os bandidos usam nos filmes do Charles Bronson. Todo mundo se jogou no chão sem saber para onde correr. Pensei em me fingir de morto até escutar o barulho das motos saindo, mas o que escutei foi a voz de uma mulher. “Ei!” Olhei por debaixo do carrinho e vi uma loira e uma morena segurando dois capacetes e duas armas. “Vou pagar o dobro do que ele prometeu para cada um se tudo isso estiver pronto antes do sol nascer. Não parem.” Então voltamos a trabalhar.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/fabrica-de-chocolate-verde>